Dia 16 — São Jacinto, da Ordem dos Pregadores

São Jacinto, um dos maiores ornamentos da Ordem dos Pregadores, filho de hábito do mesmo patriarca São Domingos e criado por sua própria mão, foi polonês, da antiga casa dos condes de Oldrovans, a qual deu ao reino da Polônia muitos grandes oficiais. Seu bisavô Saulo de Oldrovans derrotou muitas vezes os tártaros; e seu avô, que tinha o mesmo nome, assinalou-se por suas façanhas contra os inimigos do Estado. Chamou-se Saulo de Konski, por ter herdado o condado deste nome. Deixou dois filhos: o primogênito, chamado Eustáquio, conde de Konski, foi pai de nosso santo; e o menor, por nome Ivo, foi bispo de Cracóvia.

Nasceu São Jacinto no ano de 1183 no castelo de Saxe, diocese de Breslávia, na Silésia. Criaram-no com muito cuidado; mas deixou pouco que fazer à educação a bela índole com que havia nascido. Sua genial afabilidade, a docilidade de seu gênio e de seu coração, sua modéstia e, sobretudo, a inclinação à virtude que nele se admirou quase desde o berço foram presságios certos de sua futura eminente santidade. Eram seus pais uns senhores cheios de religião e escolheram-lhe mestres que cuidassem de cultivar bem tão precioso terreno; de maneira que, aplicando-se a conservar a integridade de seus inocentes costumes, tiveram a consolação de vê-lo crescer a cada dia em devoção e em madureza. Deu princípio a seus estudos no colégio de Cracóvia, onde em breve tempo se deixou admirar não menos por seu gênio que por sua virtude; continuou-os em Praga, na Boêmia, fazendo-se respeitar mais por seu sobressalente mérito que por seu elevado nascimento; e, por fim, foi concluí-los em Bolonha, na Itália, onde deu tantas provas de sua profunda sabedoria como de sua eminente santidade. Acabados seus estudos, voltou à Polônia com a mesma inocência com que havia levado a todas aquelas universidades.

Enamorado seu tio Ivo de Konski, bispo de Cracóvia, não menos do brilho de seu engenho que de sua virtude e dos progressos que havia feito no estudo, frequentando todas aquelas escolas, reconheceu desde logo que o Senhor não havia prevenido tão antecipadamente seu querido sobrinho com suas mais doces bênçãos para deixá-lo no mundo. O próprio Jacinto declarou sobejamente que não pensava servir a outro dono senão a Deus. Resolveu abraçar o estado eclesiástico, embora fosse o primogênito de sua casa. Enamorado o bispo daquela resolução, julgou que não podia fazer maior serviço a sua igreja do que incorporar nela seu sobrinho. Proveu-lhe uma prebenda, e em breve tempo admiraram os cônegos nele um grande modelo.

Foi seu primeiro cuidado instruir-se nas obrigações do estado que havia escolhido. Compreendeu que o cargo de cônego não era um mero título, como de benefício simples, que só obrigasse a cantar o ofício divino; considerou que os cônegos não só se chamam assim pela renda de que gozam, e se chamava antigamente *canon* o que significa prebenda, mas porque particularmente fazem profissão de viver segundo os cânones, ou as regras sob as quais foram instituídos os

cabidos. Estudou estas regras, observou-as com suma pontualidade e em pouco tempo reformou seu exemplo todo aquele ilustre corpo.

Enamorado mais e mais a cada dia o bispo da eminente virtude e dos raros talentos de seu sobrinho, quis dar-lhe alguma parte na administração do bispado. Em todas as comissões que lhe encarregou mostrou Jacinto muita compreensão, muita sabedoria e muita prudência; mas nenhuma destas ocupações extraordinárias lhe estorvava a contínua assistência aos divinos ofícios, nos quais a todos era exemplo de recolhimento, compostura e modéstia. Movido do amor que professava aos pobres, concorria muitas vezes a servi-los nos hospitais. Nenhuma necessidade de família honrada e envergonhada escapava à sua caridade; consumia todas as suas rendas em esmolas, reduzindo-se ele mesmo à pobreza que procurava diminuir, ou ao menos suavizar nos outros.

Igualavam-se aos de sua caridade os exercícios da penitência. Era sua vida um perpétuo jejum; as macerações de sua carne punham horror aos mais fervorosos penitentes, e não se passava dia sem que inventasse alguma nova para acrescentá-la às penitências ordinárias. O terno amor que professava a Jesus Cristo, e que era a fonte de todas as demais grandes virtudes, manifestava-se sobretudo no altar. Sua modéstia e seu respeito faziam a todos sensível sua fé, e suas lágrimas davam testemunho de sua afetuosa devoção. Mas, entre todas as virtudes de Jacinto, a que parecia mais sobressalente e que mais o caracterizava era sua ternura com a Santíssima Virgem. Pode-se dizer que nasceu com este sinal de predestinação, que se distinguiu nele por todo o curso de sua vida. Quando estava ainda no berço, só com pôr-lhe diante uma imagem da Virgem saltava de alegria. Não se duvida de que aquela grande pureza de costumes, aquela tão rara inocência que o acompanhou invioladamente em todas as idades e em todos os estados até sua santa morte foi efeito da singular proteção da Mãe de Deus, de quem sempre foi favorecido e de cujo culto foi toda a vida o mais zeloso pregador.

Viu-se obrigado o bispo de Cracóvia a passar a Roma em defesa dos direitos de sua igreja e quis que Jacinto o acompanhasse naquela jornada para valer-se de seus conselhos e de seus alcances superiores. Mas eram outros os intentos de Deus. Acabava de obter dos papas Inocêncio III e Honório III a aprovação e a confirmação de sua Ordem o patriarca São Domingos, tão conhecido já então em toda a Europa pela fama de seus milagres e de sua pregação contra os albigenses. Movidos o bispo e o sobrinho pelas maravilhas que o novo instituto fazia em toda a Itália e em outras partes, entraram em desejos de que a Polônia participasse das grandes utilidades que procurava à Igreja o santo fundador. Pediram-lhe alguns filhos para que fundassem em seu país conventos de sua Ordem. Achou-se impossibilitado São Domingos de satisfazer seus piedosos desejos, por ter enviado todos os operários que tinha a diferentes províncias, de onde lhos haviam pedido; mas tudo o supriu o muito que podia junto a Deus. Suplicou-lhe fervorosamente que lhe desse novos filhos que pudesse enviar à Polônia. Ouviu-o o Senhor e, no mesmo dia, vieram três ou quatro familiares do bispo de Cracóvia lançar-se aos pés do santo patriarca e pedir-lhe o hábito de sua Ordem. Recebeu-os, mas o céu lhe tinha destinado outro discípulo mais ilustre.

Noticioso Jacinto da vocação dos três poloneses, sentiu-se movido a segui-los e, juntando-se a isto sua inclinação à vida penitente e retirada, resolveu imitar o exemplo que invejava. Descobriu em confiança seu intento a um jovem fidalgo polonês, primo seu, chamado Ceslau, e, em lugar de um

mero confidente, encontrou nele um companheiro. A este seguiram no mesmo dia outros dois que eram amigos de ambos, Germano e Henrique, gentis-homens alemães muito afeiçoados a Jacinto. Todos quatro se apresentaram a São Domingos, que logo os recebeu como um precioso dom com que o Senhor queria enriquecer sua Ordem. Tinha já muito conhecido o santo patriarca o extraordinário mérito de nosso santo, pelo que se aplicou com particular cuidado a cultivar aquele fertilíssimo terreno e, em breves dias, fez do noviço um de seus mais perfeitos discípulos. Não se pode explicar o fervor, o desapego e o esquecimento de todas as coisas com que entrou nosso santo em tão gloriosa carreira, nem o valor com que a continuou. Seis meses esteve sob a disciplina do santo fundador, que, vendo-o já elevado ao cume de uma virtude a que os mais perfeitos estão aspirando toda a vida, julgou dever pedir ao papa dispensa para abreviar o tempo de seu noviciado. Conseguiu-a para ele e para os outros três companheiros seus, que todos fizeram a profissão aos seis meses de noviços. Tinha Jacinto trinta e cinco anos e havia tomado tão perfeitamente o espírito de seu fundador que já desde então se achou capaz de fundar por si mesmo casas da Ordem.

Depois de tê-lo confirmado São Domingos em todos os bons pensamentos que o Senhor lhe havia inspirado e de tê-lo instruído na arte de pregar cristãmente e de trabalhar a um mesmo tempo em sua própria santificação e na dos outros, apresentou-o juntamente com seus companheiros a seu tio, o bispo de Cracóvia, que voltava a seu país, e nomeou Jacinto superior da missão da Polônia, infundindo-lhe seu espírito e comunicando-lhe também seu mesmo dom de milagres. Partiram todos sete em companhia do bispo; mas, como haviam resolvido fazer a viagem a pé e mendigando, à imitação dos apóstolos, separaram-se logo dele e tomaram o caminho por Veneza e pela Caríntia. Pregavam nos lugares onde se detinham, e sempre com muito fruto, conhecendo logo os povos que o novo instituto se compunha todo de varões apostólicos. Chegando a Friesach, cidade da Caríntia, pregou nela São Jacinto com fruto tão copioso, e derramou o céu tantas bênçãos sobre seus trabalhos apostólicos, que os habitantes resolveram detê-lo. Fundou naquela cidade um convento de sua Ordem e deteve-se nela seis meses para instruir e formar os noviços que se apresentavam, e não foi possível que os cidadãos o deixassem prosseguir ao termo de sua missão até que lhes deixou frei Germano, um de seus discípulos.

Quando chegou à Polônia, são inexplicáveis as demonstrações de alegria e de veneração com que foi recebido. Em toda parte lhe saía a receber o clero, a nobreza e o povo, conduzindo-o em todas como em triunfo. Rendiam-se estas honras não tanto a seu nascimento como a sua virtude. Nele tudo pregava: sua modéstia, seu exterior humilde e mortificado e todos os seus modos, tudo concorria para granjear-lhe a confiança e a veneração dos povos. Chegou a Cracóvia e não só foi recebido por seu tio, o bispo, e pelo clero, mas também pela nobreza e pelo povo, como um enviado do céu. Mal subiu ao púlpito, viu-se desterrado o vício, a profanidade e a dissolução. Bastava vê-lo para mover-se à compunção; bastava ouvi-lo para converter-se; mal deu princípio às funções de seu ministério, mudou de semblante toda a cidade. Facilitaram-lhe fundos para fundar um suntuoso convento. Cederam-lhe a magnífica igreja da Santíssima Trindade, que era a principal depois da catedral. Muito em breve se viu fundado um espaçoso convento, cheio de um prodigioso número de santos religiosos, formados por sua mão e animados de seu espírito, que levaram a todo o reino as luzes da fé e a reforma dos costumes. Assombra verdadeiramente o número das admiráveis conversões que fez, e foi seu convento o asilo da inocência e da mortificação. Mudou-se o semblante de toda a diocese pelo zelo daquele novo apóstolo, que ressuscitou em toda ela o

espírito da oração, da caridade e o uso das abstinências que se praticavam nos primeiros séculos da Igreja.

Não era fácil resistir ou à força de suas palavras ou à eficácia de seus exemplos. Sua abstinência era contínua. Além dos jejuns que prescreviam as constituições da Ordem, jejuava a pão e água às sextas-feiras e em todas as vésperas de festa. Passava em oração a maior parte da noite diante do Santíssimo Sacramento, e o pouco sono que tomava era sobre a nua terra. Todos os dias acrescentava alguma penitência de nova invenção às ordinárias. Pelas noites despedaçava seu corpo com uma áspera disciplina, e em todos os tempos macerava sua inocente carne. Não havia instante ocioso em toda a economia de sua vida: ou pregava, ou confessava, ou visitava os enfermos, ou orava. Embora fosse universal sua devoção, não deixava de mostrá-la muito particular ao Santíssimo Sacramento do altar e à Santíssima Virgem, de quem recebia grandes favores. Nada empreendia que primeiro não o oferecesse a Deus diante do Sacramento, implorando com uma oração particular a proteção da Santíssima Virgem. Em todos os seus discursos havia de entrar a devoção a esta Senhora; promovia seu culto por quantos meios podia imaginar. Favoreceu-o com muitas graças esta Mãe de misericórdia, derramando-as abundantemente sobre aquele seu amado favorecido. Estando em oração diante de seu altar na vigília da Assunção e contemplando as maravilhas deste mistério, apareceu-lhe rodeada de um grande resplendor e, manifestando-lhe quão gratas lhe eram suas orações, disse-lhe: «Está seguro, filho meu, de que conseguirás de meu amado Filho tudo o que lhe pedires por minha intercessão.»

Depois de ter trabalhado com tão feliz sucesso no bispado de Cracóvia e no território de sua comarca, estendeu seu zelo às províncias vizinhas e delas alargou logo sua missão aos países estrangeiros. Enviou à Boêmia, com alguns companheiros, o bem-aventurado Ceslau, os quais, cheios todos de seu espírito, fizeram grande fruto. Tomou consigo nosso santo novos operários e entrou com eles a intentar semelhantes expedições no coração do Norte, onde havia muitos povos ou cismáticos e hereges, ou idólatras e sem religião; e, por conseguinte, abundante campo para fazer conquistas ao reino de Jesus Cristo. Fê-las; mal se deixou ver Jacinto naquelas nações, todos abriram os olhos às luzes da fé e entraram no grêmio da Igreja. Os conventos de sua Ordem que fundou na Pomerânia, na Prússia e nas costas do mar Báltico, como foram os de Camin, Przemyśl, Culm, Königsberg, Elbing e a península de Gdańsk, onde se edificou depois a célebre cidade de Dantzig, foram as melhores provas do fruto de seus trabalhos e outros tantos seminários de homens apostólicos. Cresceu seu zelo à vista de tão felizes sucessos, e passou à Livônia, à Suécia, à Dinamarca, à Noruega, penetrando até a Escócia. Dali voltou para o levante da Polônia; e, pregando na Rússia Menor, reconciliou com a Igreja romana o príncipe Daniel, que seguia o cisma dos gregos. Nunca houve conquistador que em tão breve tempo percorresse tantos países nem rendesse tantas nações como este ilustre apóstolo conquistou para Jesus Cristo. Parecendo-lhe estreitos os limites da Europa a seu apostólico zelo, correu até as margens do mar Negro, entrando nas ilhas do Arquipélago, nas costas da Ásia, e em toda parte confundiu o erro, dissipou o cisma, destruiu a idolatria, converteu maometanos, fazendo triunfar nelas a fé e a Igreja do Senhor. Voltando depois a subir para o Norte, entrou na grande Rússia, ou na Rússia Maior, isto é, na Moscóvia. Fácil é imaginar quanto teria nosso santo de padecer em todas estas expedições, tratando com povos bárbaros a quem lhe era tão necessário domesticar como converter. Residiu por muito tempo na grande cidade de Kiev, capital de uma e outra Rússia. Era abundante a messe, e trabalhou nela com tanto zelo que lhe mereceu novas bênçãos a seus grandes e apostólicos

trabalhos.

Na verdade, embora fosse grande a força de suas palavras e maior a de seus exemplos numa vida tão santa, nada teria bastado, ou nem umas nem outros seriam tão eficazes se Deus não os tivesse acompanhado e sustentado com a virtude dos milagres. Fê-los tão grandes e em tanto número que com razão se lhe pode chamar o Taumaturgo de seu século. Haviam-lhe fundado em Kiev um formosíssimo convento e uma magnífica igreja. Sitiaram os tártaros a cidade, tomaram-na de assalto e entraram nela a sangue e fogo. Acabava o santo de dizer missa quando teve esta triste notícia; tomou o Sacramento nas mãos e mandou a todos os religiosos que o seguissem; passava diante de uma estátua de alabastro da Santíssima Virgem, diante da qual costumava fazer oração, e ouviu uma milagrosa voz que lhe disse: «Pois quê, filho meu Jacinto, aqui me deixas à mercê dos bárbaros?» Desfazendo-se em lágrimas, o santo respondeu: «Senhora e mãe minha, como poderei eu levar uma imagem de tanto peso?» Ao que respondeu a imagem: «Faze a prova, e verás que não é superior a tuas forças.» Tomou então o santo a corpulenta imagem, que se fez tão leve que a levou numa só mão e, saindo pela porta de que ainda não se haviam apoderado os tártaros, tomou o caminho de Cracóvia.

Seguiu-se imediatamente ao primeiro milagre outro não inferior. Chegando com aquela preciosa carga à margem de um caudaloso rio, achou-se sem ponte e sem barca para passá-lo. Cheio então de confiança no poder daquele Senhor que levava em suas mãos e na proteção da soberana Rainha, cuja imagem conduzia, começou a caminhar a pé enxuto sobre as águas e mandou a seus religiosos que o seguissem. Este insigne milagre refere-se na bula de sua canonização; mas não foi só. Ia um dia a pregar em Wyszogród, cidade situada às margens de um profundo rio, e, não encontrando barca para atravessá-lo, estendeu seu manto sobre as águas e passou ao outro lado. Ressuscitou em vida dois mortos e obrou tantas maravilhas que a própria bula de sua canonização conta até mil e duzentas.

Depois de quarenta anos de trabalhos apostólicos, acompanhados de tão prodigiosos sucessos, revelou-lhe o céu o dia de sua morte, para a qual se havia preparado toda a vida; e soube que havia de assistir no céu ao triunfo da Virgem no dia de sua gloriosa Assunção. Caiu doente no dia de Nossa Senhora das Neves; e, na vigília da Assunção, tendo exortado seus religiosos ao desapego de todas as coisas, à exata observância de seu santo instituto e à devoção à Santíssima Virgem, dispôs-se com novo fervor para celebrar a festa. Assistiu no dia seguinte aos divinos ofícios; e, tendo recebido todos os sacramentos, rendeu tranquilamente seu espírito nas mãos do Senhor no dia 15 de agosto e foi receber no céu o grande prêmio devido à sua inocência e a seus merecimentos. Sucedeu sua morte no ano de 1257, aos 72 de sua idade. O próprio Deus quis dar testemunho aos homens da santidade de seu servo e da glória com que a havia coroado, continuando depois de sua morte a virtude dos milagres que lhe havia concedido em vida. Foi canonizado com a costumada solenidade por Sua Santidade Clemente VIII no ano de 1594, e o papa Urbano VIII fixou sua festa no dia 16 de agosto. A rainha de França dona Ana da Áustria, mãe de Luís, o Grande, conseguiu de Ladislau, rei da Polônia, um considerável osso das relíquias do santo, e foi o crânio, que se colocou na igreja dos padres dominicanos da rua de São Honorato, em Paris. O corpo do santo venera-se na magnífica capela de Cracóvia que se edificou em sua honra.

Martirológio Romano

Em Cracóvia, na Polônia, São Jacinto, confessor, da Ordem dos Pregadores, posto no número dos santos pelo papa Clemente VIII.

Em Roma, São Tito, diácono, que, por distribuir dinheiro aos pobres durante a ocupação dos godos, foi sentenciado à morte por um tribuno daqueles bárbaros.

Em Niceia, na Bitínia, São Diomedes, médico, que, na perseguição de Diocleciano, acabou seu martírio recebendo a morte ao fio do cutelo pela fé de Jesus Cristo.

Na mesma cidade, trinta e três santos mártires.

Em Ferentino, na campanha de Roma, Santo Ambrósio, centurião, o qual, na perseguição de Diocleciano, foi atormentado de muitos modos e exposto por fim aos ardores do fogo, mas sem receber a menor lesão. Precipitaram-no nas águas, de onde passou à morada dos celestiais refrigérios.

Em Milão, a morte de Santo Simpliciano, bispo, celebrado por Santo Ambrósio e Santo Agostinho.

Em Auxerre, Santo Eleutério, bispo.

Em Nicomédia, Santo Arsácio, confessor, o qual, tendo abandonado, sob o perseguidor Licínio, a profissão das armas para abraçar a vida solitária, resplandeceu com tão grandes milagres que se lê que lançou os demônios e matou com sua oração um enorme dragão. Depois, tendo profetizado a ruína de sua cidade, morreu estando em oração.

Em Roma, Santa Serena, que foi mulher do imperador Diocleciano.

Neste mesmo dia, São Teodoto, bispo, venerado em Basileia.

Na Bretanha, perto de Rennes, Santo Ermel, confessor, que passou em Paris sete anos em contínuos exercícios de piedade.

Em Montpellier, a morte de São Roque, confessor, que, só com o sinal da cruz, salvou muitas cidades da Itália de uma doença epidêmica. Depois, seu corpo foi trasladado para Veneza.

Em Dezize, no Nivernais, Santo Aré, bispo de Nevers, cuja firma no quinto concílio de Orléans se vê com o nome de Aregio, e com o de Aridio no segundo de Paris.

Em Remiremont, na Lorena, o trânsito de Santo Arnulfo, bispo de Metz.

Neste mesmo dia, São Damião de Antioquia, mártir.

Na Inglaterra, São Dego, confessor.

Em Gênova, Santa Limbânia, virgem cipriota, religiosa do mosteiro de São Tomás.

Em Nápoles, a descoberta das relíquias de São Nostriano, bispo daquela cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Hyacinthi confessoris tui annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso confessor o bem-aventurado Jacinto, concedei-nos que, ao celebrarmos a nova vida que recebeu no céu, imitemos a que fez enquanto viveu na terra. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), e a mesma do dia VII, pág. 150.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Muitos julgaram que o livro chamado Eclesiástico foi obra de Salomão e, por conseguinte, assinalam sua origem no reinado deste príncipe; mas esta opinião não se pode defender. O que há de certo na matéria é que Jesus, filho de Sirac, e verdadeiro autor deste livro, havia feito muito estudo nos livros sagrados, e muito particular nos de Salomão, dos quais é um como compêndio o livro do Eclesiástico.»

Reflexões

Bem-aventurado aquele que foi achado sem mancha. E quem será este ditoso? Quem se poderá lisonjear de ter conservado pura sua inocência, sem borrão, sem sombra nem alteração? A que alma, unida a este miserável corpo, não se atreveu a mancha do pecado? Mesmo entre aquelas que foram santificadas pela graça, quantas se encontram que tenham mantido intacta esta preciosa flor sem ter-se murchado? Só se encontra uma entre as puras criaturas que, por privilégio especial, fosse preservada de toda mancha: esta foi a Santíssima Virgem Maria no imaculado mistério de sua puríssima Conceição; mais santa naquele primeiro instante que todos os santos juntos no último momento de sua vida; e, aumentando sua inocência em todos os da sua, bem longe de lançar nela o mínimo borrão. Sendo amada filha do Eterno Pai, como havia de estar nem um só momento em sua desgraça? Sendo mãe querida do divino Verbo, como havia de admitir em sua alma nem mesmo o mais leve pecado? Sendo ela só escolhida entre todas as criaturas para esposa única do Espírito Santo, como não havia de ser toda formosa e toda imaculada? *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* Isto diz da Virgem o próprio Espírito Santo; e isto repete dela muitas vezes a santa Igreja. Assim como, em virtude da união que a humanidade contraiu com o Verbo, exigia uma graça e uma glória infinita, isto é, a maior que pode Deus comunicar a uma criatura, de semelhante modo a união que a Virgem contraiu com seu Filho por sua divina maternidade pedia também a maior plenitude de graça que pudesse Deus comunicar a uma pura criatura, diz Santo Tomás (1 p., q. 25, art. 6 ad 4). Certamente parece que teria sido indigna de conceber o Verbo divino, dizem os padres, se sua alma tivesse contraído a culpa original; pois até a impureza do corpo, ainda que isenta de todo pecado, teria sido estorvo a esta divina conceição. Nem como cabe que deixasse de preservá-la de tão grande mal aquele mesmo Deus que, para isentá-la de outros, sem comparação menos consideráveis, como das dores no parto e da corrupção no sepulcro, transtornou tantas vezes toda a ordem da natureza? A primeira mulher foi criada sem culpa original e no estado da inocência; pois, se Maria tivesse contraído aquela culpa, como havia de ser bendita entre todas as mulheres? Por outra parte, a Rainha dos anjos não devia ser inferior àqueles espíritos celestiais. Finalmente, a infâmia da mãe refunde-se no filho; pois como é crível que este Filho todo-poderoso permitisse que sua querida Mãe fosse confundida nem por um só momento entre o imenso tropel dos escravos do demônio, tendo sido criada para ser rainha do céu e da terra? Todas estas são razões de congruência e de decência; assim é, mas cremos possível que o Senhor fizesse coisa menos decente? Era muito decente, diz

Santo Anselmo, que aquela a quem o Eterno Pai dava por filho seu próprio Filho fosse tão pura que, depois da pureza de Deus, não se pudesse imaginar outra maior que a sua: *Decens erat, ut ea puritate qua major sub Deo nequit intelligi, Virgo illa niteret* (Lib. *de Concept. Virg.* 18). Grande erro é pensar que sem um coração puro se possa ter verdadeira devoção nem agradar à Santíssima Virgem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia II, pág. 53.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu

senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da verdadeira devoção à Santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que, embora não seja possível que entre as pessoas dedicadas ao serviço da Virgem se achem alguns indiscretos devotos, não é muito difícil encontrar no mundo censores temerários que tenham a impiedade de censurar esta santa devoção. Aos ímpios não lhes convém, e os hereges abertamente a desacreditam.

Sendo tão importante evitar o primeiro abuso, ainda é muito mais necessário olhar com horror o segundo precipício. Não é menos perigoso diante de Deus condenar com temeridade um culto santo e legítimo do que praticar por ignorância o excessivo e supersticioso. Devem-se evitar estes dois escolhos. Não há coisa mais santa nem mais religiosa que o verdadeiro culto que se rende à Mãe de Deus. É loucura imaginar que se pode agradar ao Filho olhando com indiferença a sua mãe. A terna devoção e o afetuoso culto que se tributa à Mãe não é o meio menos proporcionado para merecer a graça e os favores do Filho. Consideremo-lo pelo mesmo que se passa naturalmente entre os homens. Mas também é portentosa ilusão persuadir-se de que se pode agradar à Mãe enquanto se está em desgraça do Filho. Os indiscretos e os falsos devotos da Santíssima Virgem são unicamente aqueles cuja devoção consiste precisamente em alistar-se em alguma piedosa congregação ou confraria erigida em honra desta Senhora, ou em rezar-lhe diariamente algumas orações, sem importar-se muito com viver cristãmente nem com regular seus costumes e, enganados de uma falsa confiança no poder da Virgem, vivem tranquilamente adormecidos no pecado. Onde há mais extravagante erro? É verdade que, por grande pecador que alguém seja, deve acudir à Mãe de misericórdia, solicitar sua bondade, ter grande confiança em sua proteção e em seu poder, implorar sua assistência para conseguir por seu meio do Senhor graça eficaz para converter-se e sair do pecado. Mas olhará jamais a Santíssima Virgem como a servo seu a quem quer viver de assento na desordem? Se és seu devoto, ela fará que te converta para entrar verdadeiramente em seu serviço; mas jamais admitirá nem considerará estar nele quem queira perseverar no pecado nem faça esforço algum para sair de estado tão infeliz. A verdadeira devoção à Santíssima Virgem é inseparável da pureza de costumes e de uma vida regrada. Não há coisa mais santa nem mais religiosa que alistar-se nas confrarias erigidas em sua honra, que pagar-lhe todos os anos, todos os meses, todas as semanas e todos os dias o piedoso tributo de louvor, de boas obras e de exercícios de devoção. Nunca será excessiva nossa exatidão nem nossa apressada pontualidade em tributar-lhe estes reverentes cultos. Mas, se queremos que lhe seja grata nossa devoção, vivamos com uma pureza inalterável imitando suas virtudes.

Segundo ponto

Considera que, depois que a Igreja universal declarou por artigo de fé, no solenníssimo decreto do concílio geral de Éfeso, que a Virgem era verdadeira Mãe de Deus, não há honra que não lhe convenha nem culto, com exceção do de latria, que não lhe seja devido. «Dai a Maria (diz São Bernardo numa carta aos cônegos de Lyon), dai a Maria os louvores que lhe pertencem. Dizei que ela encontrou para si e para nós a fonte da graça. Dizei que é a medianeira da salvação e a restauradora dos séculos; tereis muita razão em dizê-lo. Isto é o que toda a Igreja publica e o que canta dela todos os dias no ofício divino»: *Hæc mihi de illa cantat Ecclesia.* Não; não temais exceder-vos nunca nem nos elogios nem nos cultos da Santíssima Virgem. Por muito que digamos e por muito que pensemos da Mãe de Deus, sempre será muito menos do que merece. Depois de Deus e depois de Jesus Cristo, é nossa esperança, nossa consolação e nossa vida: *Vita, dulcedo, spes nostra.* Depois de seu Filho, ponhamos toda a nossa confiança em Maria. Jesus Cristo é misericordioso, mas é justo. Em Maria não acharemos mais que misericórdia; ela é o refúgio de todos os pecadores que se querem converter. Se seu poder é sem limites, sua bondade é sem medida. «Desde logo consinto (diz este padre) que jamais se fale de vossa misericórdia, ó bem-aventurada Virgem Maria, se se achar alguém que possa dizer com verdade que lhe faltastes quando vos invocou em suas necessidades.» Mas, se nossa devoção à Santíssima Virgem há de ser cheia de confiança, não deve ser menos animada de zelo e de amor. É a Virgem nossa dulcíssima Mãe e, ainda que tenhamos sido os maiores pecadores do mundo, sempre nos ama com ternura, contanto que encontre em nosso coração o arrependimento que ela mesma nos consegue. É a mãe do amor formoso; seremos nós filhos frios ou indiferentes em seu obséquio, ou em tudo o que pertence a sua glória? Com que devoção devemos celebrar todas as suas festas! Com que atenção, com que religião, com que respeito rezar suas orações e seu ofício! Com que pureza de consciência praticar todas as devoções que se dirigem a sua honra! Com que veneração adorá-la em suas imagens! Com que ardor, com que zelo, com que fidelidade fazer profissão de ser sempre servos seus! Tenhamos dentro da alma esta verdadeira devoção; para que o seja, deve ser pura, ardente, afetuosa e constante. E como deixará de ser eficaz tendo todas estas qualidades?

Virgem santa, conto e contarei sempre com tua poderosa proteção. Cheio de confiança em tua bondade, espero que será verdadeira a devoção que te professo. Para sempre me dedico a teu serviço; alcança-me aquela pureza de coração e de corpo sem a qual sei muito bem que não te posso agradar. Daqui por diante serás minha querida Mãe; e espero que me consigas a graça de ser contado no número de teus verdadeiros servos e de teus mais amantes filhos.

Jaculatórias

> *Monstra te esse matrem.* Hino da Igreja.

Mostrai-vos, ó Virgem santa, amorosa mãe minha.

> *Maria, mater gratiæ, mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, et hora mortis suscipe.* Hino da Igreja.

Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo e, à hora da morte, recebei-nos em vossas mãos.

Propósitos

1. «Nunca temamos (diz São Bernardo) exceder-nos no que dizemos quando se trata de elogiar e de honrar a Santíssima Virgem. Nunca receemos exagerar no que fazemos quando se quer manifestar-lhe nosso amor e reconhecer seus benefícios.» Honra-te de ser servo de Maria e de levar suas piedosas insígnias ou librés com alegria e com respeito. A devoção ao santo rosário e ao santo escapulário é uma das mais sólidas que podes ter; uma e outra estão autenticamente aprovadas pela Igreja, e os sumos pontífices convidam com suas indulgências e abundantes graças todos os fiéis a que se alistem nestas duas santas confrarias. Se não estás alistado nelas, não se te passe esta oitava sem fazê-lo. Se tens a dita de estar, examina cuidadosamente se cumpres com zelo e com exatidão os encargos e as obrigações que impõem; e, renovando hoje tua devoção e teu fervor, faze propósito de cumpri-las com a maior pontualidade. Há também outras congregações, instituídas todas em honra da Santíssima Virgem, como a da Escravidão, a do interior de Maria, a de seu sagrado Coração e muitas outras. Aprecia-as todas como piedosas indústrias e meios muito próprios para conseguir a salvação.

2. O rosário é uma devoção muito agradável à Santíssima Virgem; faze propósito de rezá-lo todos os dias; e é muito conveniente fixar a hora em que o deves fazer, à imitação da Igreja, que nunca muda a hora que, segundo o tempo, determinou para celebrar seus ofícios. Adquire-se certa espécie de mérito particular em fazer sempre as devoções em horas determinadas. O variá-las sem motivo é sinal de inconstância na devoção e uma ligeireza que desagrada a Deus. Todas as tardes da oitava faze uma visita àquela igreja ou capela da Virgem onde com mais particularidade se celebra a festa de sua Assunção, e tem nela um tempo de oração.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:30 by Admin